

TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Social Occupational Therapy - reflections and possibilities for action the COVID-19 pandemic

Terapia Ocupacional Social: reflexiones y posibilidades de acción durante la pandemia de COVID-19

Resumo

A crise sanitária pela pandemia da CoVid-19 tem demonstrado que a desigualdade social é fator determinante na circulação do vírus e no agravamento das condições de vida. Isso convocou terapeutas ocupacionais a (re)pensar estratégias de trabalho diante da reconfiguração dos cotidianos. A *Rede Metuia* tem atuado com grupos em situação de vulnerabilidade social e junto a demandas em contextos de interculturalidade, que envolvem a articulação individual/singular, sociocomunitária e política. Tais experiências levam à reflexão acerca da importância das redes de solidariedade na perspectiva da garantia de direitos e redimensionam recursos e tecnologias sociais em diálogo com contextos da ação.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional Social; Vulnerabilidade social; Pandemia; Recursos e tecnologias.

Abstract

The health crisis by the CoVid-19 pandemic has shown that social inequality is a determining factor in the virus circulation and the worsening of living conditions. This situation summoned occupational therapists to re-think work strategies in the face of the everyday life reconfigurations. The *Metuia Network* has worked with groups in social vulnerability and with demands in contexts of interculturality, which involves an individual/singular, socio-community and political articulation. Such experiences lead to reflections on the importance of solidarity networks from the guarantee of rights perspective and to use the resources and social technologies in dialogue with the contexts of action.

Keywords: Social Occupational Therapy; Social vulnerability; Pandemic; Resources and technologies.

Resumen

La crisis de salud impuesta por la pandemia de CoVid-19 ha demostrado que la desigualdad social es un factor determinante en la circulación del virus y en el empeoramiento de las condiciones de vida. Esta situación ha convocado a los terapeutas ocupacionales para (re)pensar estrategias de trabajo frente a las reconfiguraciones de los cotidianos. La *Red Metuia* ha trabajado con grupos en vulnerabilidad social así como junto a las demandas en contextos interculturales, que involucran la articulación individual/singular, socio-comunitaria y política. Las experiencias han proporcionado reflexiones sobre la importancia de las redes de solidaridad en una perspectiva de garantía de derechos, además de redimensionar recursos y tecnologías sociales en diálogo con los contextos de acción.

Palabras clave: Terapia Ocupacional Social; Vulnerabilidad social; Pandemia; Recursos y tecnologías.

Beatriz Prado Pereira

Docente da Universidade Federal da Paraíba, UFPB. João Pessoa, PB, Brasil. Membro da Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social.
biapradop@gmail.com

Carla Regina Silva Soares

Docente da Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, SP, Brasil. Membro da Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social.
carla-soares@usp.br

Débora Galvani

Docente da Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP. Santos, SP, Brasil. Membro da Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social.
degalvani@gmail.com

Marina Jorge da Silva

Docente da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. SP, Brasil. Membro da Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social.
mahjorge@gmail.com

Marta Carvalho de Almeida

Docente da Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, SP, Brasil. Membro da Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social.
marta.carvalhoa@gmail.com

Pamela Cristina Bianchi

Docente da Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP. Santos, SP, Brasil. Membro da Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social.
pamelacbianchi@gmail.com

Rafael Garcia Barreiro

Docente da Universidade de Brasília, UnB. Brasília, DF, Brasil. Membro da Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social.
rgbarreiro@gmail.com

1 O vírus não é nosso único inimigo: a dimensão social da pandemia

A humanidade tem sido convocada ao enfrentamento de epidemias desde os primórdios de nossa história. A própria condição da problemática, isto é, a disseminação de doenças infecciosas, atribui sua resolutividade ao escopo da saúde. É inquestionável a dimensão biológica do fenômeno e a necessidade de profissionais de saúde no seu enfrentamento. Contudo, tangenciando o contexto epidêmico e ficando, muitas vezes, subsumida às demandas da esfera biológica, está a dimensão social do problema e o agravamento das vulnerabilidades sociais que uma epidemia também traz, requerendo a ação de outros setores profissionais.

Hoje, em maio de 2020, já se diz que estamos diante da maior crise sanitária desde a gripe espanhola: a pandemia da CoVid-19¹. Mas embora a etimologia do termo pandemia traga a ideia de um evento que atinja a "todo o povo", seus impactos não são sentidos igualmente por todos². Em sociedades marcadas por profundas desigualdades sociais, como a brasileira, os mais afetados compõem as famílias de baixa renda, os que vivem nas periferias, os que não contam com abastecimento de água, a população negra, a população indígena, entre outros que têm menos acesso aos seus direitos.

É certo que o risco de contaminação e agravamento das condições de saúde é iminente e generalizado. Mas os meios e recursos mobilizados por diferentes grupos sociais para o enfrentamento da situação os diferenciam absolutamente. Nessa direção, Santos² destaca, por exemplo, o acesso a cuidados de saúde, às apólices de seguro e às terapias, entre outros recursos típicos do padrão de consumo dos grupos mais privilegiados economicamente.

Situações vividas durante a pandemia da CoVid-19 no Brasil têm demonstrado que a desigualdade social é, de fato, um fator determinante na circulação do vírus e no agravamento das condições de vida. Dados epidemiológicos divulgados pelo município de São Paulo, epicentro da pandemia no país, mostraram que existe maior contaminação pelo novo coronavírus em bairros de classes média e alta. Mas ele causa mais mortes em bairros pobres e periféricos³. As possíveis respostas à aparente contradição dos números recaem sobre problemas sociais conhecidos e amotinados no atual contexto: baixa renda, dificuldades no acesso a serviços de saúde e assistência social, bem como à água e produtos de higiene, trabalho informal e moradia precária impedem que milhões de pessoas obedeam às medidas preconizadas para o enfrentamento da crise sanitária⁴.

Assim, a pandemia lança luz sobre a real dimensão das vulnerabilidades a que importantes parcelas da nossa população têm sido historicamente sujeitadas, que precede o período da quarentena e se agrava com ela. Além de escancarar a existência de populações alijadas de inúmeros direitos ligados a aspectos básicos da vida, de acesso a espaços de informação e participação, bem como condições dignas de trabalho, a crise revela seus

efeitos danosos e desestruturantes sobre o cotidiano dessas populações. E cabe lembrar, como afirma Antunes⁵, que esse cotidiano já vinha sendo pautado, antes da eclosão da pandemia, por maiores níveis de exploração do trabalho, pela crescente *uberização* e precarização, ou ainda, pelo desemprego, subemprego e informalidade. A expansão dos problemas de saúde, como nos coloca o autor, se dá em meio a uma profunda crise estrutural do capital e uma marcante ausência de leis protetoras do trabalho e dos direitos que funcionam como retaguarda social. Ainda que esse seja um fenômeno global, no Brasil as recentes reformas e medidas provisórias corroeram direitos e, ao lado de medidas de ajuste fiscal que reduziram gastos sociais, impuseram a parcelas da população um dilema: se permanecem nas ruas para garantir alguma renda podem morrer pela doença, e se praticarem o isolamento social poderão morrer pela falta de recursos mínimos de subsistência.

Considerando, portanto, a situação de usuários de serviços e participantes de projetos de extensão universitária que integram o campo social e são acompanhados por terapeutas ocupacionais - como pessoas em situação de rua, das comunidades tradicionais, imigrantes, famílias assistidas por programas de transferência de renda, crianças e jovens pobres residentes nas periferias, idosos institucionalizados, pessoas ou grupos vítimas de violência ou com direitos violados, entre outros - nota-se que o cenário atual evidencia a associação entre velhas e novas dificuldades e precariedades.

Por um lado, têm sido dramáticos os efeitos da ausência de mecanismos de proteção social que deveriam ter sido disponibilizados com prontidão por políticas públicas para garantir o amparo dessa população e a redução de vulnerabilidades já existentes. Por outro, a reconfiguração das relações sociais - com restrições à circulação e suspensão do funcionamento de equipamentos sociais que atuavam como suporte para a vida dessas pessoas - fragiliza suas redes de apoio, leva à desarticulação de estratégias cotidianas de sobrevivência e os deixa mais expostos aos fatores que condicionam a violência e a violação de direitos.

Na terapia ocupacional social, cujas práticas abordam problemas da vida cotidiana profundamente interconectados com as precariedades persistentes, ou com a inexistência de condições sociais que oportunizam uma vida digna, a pandemia tem revelado aspectos que convocam à ação e à reflexão. É nesse sentido que consideramos necessária a problematização de seus impactos sociais em nossa prática profissional e destacamos algumas ações que vêm sendo tecidas, dentro das possibilidades, no enfrentamento em tempo real à disseminação da CoVid-19.

2 Terapia Ocupacional Social e a inventividade em tempos de pandemia e distanciamento social

A Rede Metuia - Terapia Ocupacional Social tem desenvolvido e acumulado expe-

ências no ensino, na pesquisa e na extensão universitária no campo social desde o final da década de 1990. Desde então, tem reunido professores, profissionais e estudantes de diferentes universidades e serviços sob concepções teórico-metodológicas comuns, que ao longo dos anos foram sendo construídas e revisitadas, em contínuo processo de diálogo entre seus participantes. A atuação coletiva tem sido uma marca da *Rede Metuia*, que também vem se aprimorando por meio da interlocução com outros colegas da área e de áreas afins. Atualmente, a Rede é composta por seis núcleos, distribuídos nas regiões Sudeste (USP/SP, UNIFESP/Baixada Santista, UFSCar e UFES), Centro-Oeste (UnB) e Nordeste (UFPB e UNCISAL).

A leitura crítica da realidade social e o reconhecimento da ação técnica como exercício político são princípios fundamentais que alicerçaram a construção do arcabouço teórico-prático acumulado ao longo dessa trajetória⁶. E hoje, diante do atual cenário, são esses mesmos princípios que nos convocam a refletir e ressignificar práticas e estratégias conhecidas, ao mesmo tempo em que desenhamos novos formatos e proposições em face dos desafios impostos pelo agravamento de problemas sociais e pela presença - e também pela ausência - das medidas de enfrentamento da pandemia.

Primeiramente, é preciso admitir que vivemos atualmente limites objetivos para as ações da terapia ocupacional social, derivados da necessidade de manter o distanciamento entre pessoas e da redução ou suspensão das atividades de serviços que oportunizam acesso à educação, à cultura, à convivência, entre outros, e que habitualmente acionamos como pontos da rede que buscamos fortalecer ou construir. Assim, emergem questões importantes, levando-se em conta as duas dimensões complementares do problema que atravessamos: o sanitário e o social. Como atuar neste momento junto a segmentos sociais que não podem seguir orientações elementares de proteção à vida, como a higienização e a permanência em domicílio, porque nem sequer com um "teto" podem contar? Ou ainda, com aqueles - tantos - que compartilham uma moradia precária e sem infraestrutura com um número excessivo de pessoas? Como evitar a interrupção do diálogo e do vínculo construído cuidadosamente com pessoas, grupos e espaços comunitários, diante das medidas de distanciamento social que nos dificultam a comunicação? Como atuar em favor do acesso desses segmentos da população a recursos que os permitam minimizar os profundos impactos da pandemia e da quarentena em suas vidas, sejam estes dirigidos à sua sobrevivência física, emocional ou relacional?

Notamos, ainda, a força desorganizadora das mudanças drásticas que invadiram a vida cotidiana e a rotina diária dessa população: crianças sem escola demandando a presença de adultos no domicílio; introdução de cuidados a idosos ou doentes; impossibilidade de realizar atividades que geram renda; aquisição de alimentos e outros produtos que antes eram obtidos em escolas e/ou em projetos sociais requerendo gastos superiores às rendas; convivência intensificada com situações de abuso ou violência; interrupção de relações significativas que geravam conforto e sustentação afetiva da vida cotidiana e ampliação de sentimentos de fragilidade e insegurança, mediados pela dependência de ações

pautadas “apenas” na ajuda mútua entre moradores de uma mesma comunidade.

Diante da variedade e da complexidade do atual contexto temos criado e utilizado diferentes estratégias, sobre as quais discorreremos brevemente a seguir.

2.1 Dimensões individuais, coletivas e o uso de tecnologias digitais

Dentre as tecnologias e estratégias de ação desenvolvidas pela terapia ocupacional social, *acompanhamentos singulares e territoriais* (Lopes, et al)⁷ são realizados em diferentes espaços da vida cotidiana e possibilitam a aproximação com pessoas, suas histórias, seus contextos de vida e suas redes de relações. Como ponto de partida para essa construção/ação dialógica, adotamos a escuta atenta e o acolhimento de necessidades sociais e desejos, e seguimos em constante negociação de sentidos da comunicação e das práticas sociais, na qual coexistem e se valorizam os saberes múltiplos⁸. Nesse percurso, são mobilizados diversos recursos do território, a fim de criar, ampliar e fortalecer espaços de participação e redes de sociabilidades e oportunidades (Lopes, et al)⁹.

A pandemia e as medidas de distanciamento social nos chamaram a rever, repacutar e reconstruir práticas, assumindo o desafio de preservar a premissa de que “*o terapeuta ocupacional social trabalha com base na interpretação da demanda que é simultaneamente individual e coletiva*”. Como afirmou Barros (p.93)⁸ essa interpretação deve ser “*(...) seguida de sua problematização, do estudo do contexto e da elaboração de projeto que envolve negociação constante*” entre os envolvidos. Assim, atualmente esse processo tem tido que incorporar o fato de que os espaços comunitários e das instituições sociais, tão caros à ação da terapia ocupacional social, tiveram sua rotina alterada, tendo remodelado a atenção oferecida à população. Porém, a necessidade de continuidade de acompanhamentos singulares e territoriais, bem como das práticas junto a segmentos específicos - como adolescentes e jovens pobres e/ou em cumprimento de medida socioeducativa, população em situação de rua, imigrantes, entre outros - reclama a proposição de ações dentro dos âmbitos da inovação, e também a criação de novos formatos que possibilitem ativar uma potencialidade inédita, jamais acionada, ao passo em que respeitam as determinações sanitárias.

Em termos práticos, tecnologias e mídias digitais têm se mostrado ferramentas potentes quando tomam parte de estratégias e alternativas de manutenção do acompanhamento de alguns segmentos. A experiência junto a/aos adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, por exemplo, tem utilizado a comunicação via *smartphone* e aplicativos de mensagem (mais frequentemente o *Whatsapp*) para dar continuidade aos projetos de acompanhamento pactuados. Assim, o tipo de comunicação que já era anteriormente praticada entre adolescentes e equipe técnica de maneira assistemática, se tornou o principal meio de manutenção dos vínculos durante a pandemia. Acompanhamentos individuais e encontros grupais têm sido realizados por chamadas

de vídeo, por meio das quais tem sido possível dialogar sobre a vivência atual dos(as) jovens, oferecer espaço de escuta e acolhimento para as dificuldades e preservar algum espaço de convivência e troca de experiências, em especial àqueles em LA (liberdade assistida).

Essas ações, no entanto, têm demandado esforço e inventividade da equipe multidisciplinar e dos terapeutas ocupacionais devido às dificuldades implicadas: desde viabilizar o contato com aqueles que não tem *smartphone* e/ou acesso à *internet* e dependem de um empréstimo, até garantir a necessária privacidade de uma conversa que sofre constantes interrupções de familiares que compartilham o ambiente doméstico. Sem mencionar, ainda, a precariedade e instabilidade no acesso à internet das populações pobres e periféricas, que torna as conversas entrecortadas e, muitas vezes, inviabiliza a permanência e participação nas chamadas em grupo.

Diante destas dificuldades, também temos nos empenhado na criação de conteúdos informativos e de fomento à interação e convivência de forma assíncrona. No que diz respeito à disseminação de informações relevantes com vistas a favorecer o acesso dos usuários do Sistema Único de Assistência Social aos seus direitos (Barros et al)¹⁰ foram elaborados vídeos com a presença dos profissionais do serviço para serem compartilhados. Os conteúdos envolvem as “boas vindas” para aqueles que estão sendo acolhidos/as no serviço de medida socioeducativa em meio aberto durante a pandemia, com informações sobre os auxílios emergenciais que podem ser acionados neste período, e também com estímulos e sugestões para o uso de materiais domésticos na confecção de máscaras e os cuidados de higiene.

Quanto ao fomento à interação e ao convívio, temos lançado e enviado aos jovens alguns “desafios” semanais de música e esporte que estimulam o compartilhamento de fotografias e vídeos elaborados por eles, e criamos uma página no *Facebook* para disponibilizar materiais sobre temas variados e oferecer mais um canal de conversa e comunicação. Considerando o que nos coloca Lopes (p.11)¹¹ sobre a possibilidade das atividades como forma de construir relações significativas de convivência e “*protagonizar a experimentação/vivência de uma nova forma de estar, de relacionar-se com o outro, de conviver*”, tais iniciativas visam mais do que manter o contato e o vínculo entre a equipe técnica e os/as jovens, mas abrir brechas à novas formas de estar e fazer junto, considerando a diminuição havida nos espaços de convivência e troca dos/as adolescentes e jovens, tanto ligados à escola e ao trabalho, quanto aos espaços de lazer e de convivência comunitária, e até mesmo no âmbito do serviço de medida socioeducativa.

Por meio das tecnologias digitais tem sido possível, também, oferecer de forma síncrona algumas experiências lúdicas, de produção de sentido e de acolhimento, utilizando, por exemplo, o *quiz* e outros jogos interativos, bem como a conexão musical, por meio da criação de listas de músicas de forma interativa. Essas são algumas ações planejadas e realizadas semanalmente em projetos de intervenção da *Rede Metuia* com adolescentes e jovens.

Em outro projeto da *Rede*, temos também investido na criação de espaços virtuais com o objetivo de ampliar a leitura e a compreensão crítica sobre a realidade da pandemia e os diferentes modos de seu enfrentamento, que vão se reformulando de modo dinâmico. Também discutimos as novas modalidades de ensino à distância que têm sido praticadas nas escolas públicas e temos buscado formas de minimizar as desigualdades de acesso entre os estudantes.

Particularmente no contexto do programa de ensino de língua portuguesa para estudantes estrangeiros vinculados ao Programa de Estudantes - Convênio de Graduação (PEC-G), temos visto que além dos desafios trazidos recentemente pelas atividades de ensino a distância, as mudanças na esfera econômica e no campo das interações sociais têm gerado impactos alarmantes. Neste programa, a equipe do projeto se depara com os reflexos da pandemia na vida de jovens estudantes oriundos de países Africanos e da América Central, recém-chegados ao Brasil, sem compreender o idioma e com pouco repertório em relação aos seus direitos e à cultura brasileira. Situações antes estáveis, do ponto de vista social e econômico, se transformaram rapidamente, em meio aos efeitos do distanciamento social e da perda de emprego e renda desses estudantes. As dificuldades - ou impossibilidades - encontradas pelos familiares nos países de origem para o envio de dinheiro se tornaram grandes problemas, diante da falta de uma política específica. As limitações na interação social com brasileiros, já experimentadas no processo inicial da migração, se aprofundaram. Esses estudantes vivem o desafio de serem aprovados no teste de proficiência em português (CelpeBras), realizado comumente em outubro, para que, mediante aprovação, possam cursar a graduação em uma universidade brasileira que aderiu ao convênio PEC-G. Assim, o distanciamento social, para eles, prejudica sobremaneira o aprendizado da língua portuguesa e dá lugar a muitas incertezas.

As frentes de atuação nesse projeto, em parceria com colegas do curso de Letras e da gestão da universidade, tem se dado no sentido de apoiar a criação e a experimentação de atividades de ensino à distância e a invenção de estratégias de acompanhamentos singulares atentos às demandas financeiras, afetivas e de acesso aos recursos digitais. Em relação à ampliação de redes e de conexões, tem se priorizado a construção de parcerias com estudantes brasileiros que, após receberem orientações, passam a compor a rede social de apoio dos estrangeiros, participando da busca de estratégias para a superação das dificuldades de comunicação não presencial. Temos, também, nos preocupado com a necessidade de articulação nacional entre estudantes e coordenadores dos programas, no sentido de encontrar soluções comuns e fomentar políticas emergenciais que apoiem a mobilidade de pessoas.

2.2 Dimensão política e articulação das redes sociais de apoio

Outra dimensão importante para o trabalho da terapia ocupacional social é repre-

sentada pelo conjunto de ações que articulam o plano individual aos grupos e coletivos, se expandindo para os níveis da política e da gestão. Por meio destas é possível contribuir com a consolidação de programas, projetos e práticas voltadas para grupos populacionais e/ou comunidades, fomentando a interação e a integração entre diferentes setores e níveis de intervenção com o intuito de fortalecer e/ou compor as redes sociais de sujeitos ou grupos acompanhados (Lopes et al)⁷.

Giddens¹² compreende as redes sociais a partir da dependência relacional entre a estrutura social e a ação humana, ou seja, a partir de um conjunto de regras e recursos que se relacionam e permitem a produção de práticas sociais. Partindo dessa ideia, Gonçalves e Guará¹³ listam diversos tipos de rede, que podem ou não se articular entre si, dentre as quais destacamos: as *redes primárias*, que são sustentadas pelos princípios de solidariedade e do apoio mútuo e são constituídas pelo núcleo familiar, pelas relações de amizade e de vizinhança; as *redes sociocomunitárias*, constituídas por organizações comunitárias, associações de bairro e organizações filantrópicas; e as *redes setoriais públicas*, que são formadas por serviços especializados, resultantes da ação do Estado por meio de políticas públicas.

Com a eclosão da pandemia e as medidas de distanciamento social adotadas para o combate da pandemia no Brasil, nota-se menosprezo dos governantes frente aos problemas sociais, existentes ou emergentes devido às condições atuais³. Contudo, iniciativas mobilizadas por movimentos sociais e entidades da sociedade civil convocam para a percepção de um aumento das *redes primárias e sociocomunitárias*, na construção de redes de solidariedade formadas por moradores de diferentes periferias e/ou coletivos, que se constroem e intensificam diante da necessidade de agir para diminuir os impactos da epidemia. Somente o “Mapa Corona nas Periferias”^a, elaborado pelo Instituto Marielle Franco, já dá visibilidade a dezenas de grupos organizados no combate à epidemia em favelas de todas as regiões do país.

Nestes tempos de pandemia, portanto, a atuação profissional requer algumas reflexões que se orientam para a reorganização do trabalho, tendo em vista a importância das redes sociais. Como fortalecê-las, considerando as necessidades prementes de pessoas, grupos ou comunidades específicas? É possível a criação de novas redes e de novas estratégias de ação neste momento? Como tensionar o Estado para assumir compromissos sociais, mobilizando a participação popular e preservando a horizontalidade nas relações construídas no contexto das redes de apoio social? Quais ações, projetos e espaços de articulação de redes podem ser criados a curto, médio e longo prazo, respeitando as mudanças progressivas que se seguirão à pandemia?

<https://www.institutomariellefranco.org/mapacoronanasperiferias>

Tomando esses questionamentos como linhas investigativas, tem sido possível, ainda que com muitos limites, pensar estratégias de inserção e/ou continuidade das intervenções terapêutico-ocupacionais para o redimensionamento das ações junto aos sujeitos, grupos e comunidades no que diz respeito a essa dimensão.

Na construção das redes primárias, temos promovido ações direcionadas à aproximação e também ao fortalecimento dos laços sociocomunitários. Apoiadas nos diálogos viabilizados por telefone e pelas redes sociais digitais com interlocutores chave e lideranças comunitárias, as articulações têm se orientado pelo objetivo de tecer uma rede de contatos que compartilham dos mesmos cotidianos e espaços de circulação, a fim de que esta sirva como canal de comunicação e apoio à comunidade em situações emergenciais.

Nessas práticas, o público juvenil das periferias urbanas tem sido acompanhado. Algumas propostas têm se dirigido à consolidação e fortalecimento das redes sociocomunitárias já existentes, e são protagonizadas por jovens que desenvolvem projetos e ações com apoio e representação de instituições sociais, associações de bairro, organizações não-governamentais, movimentos sociais e lideranças comunitárias. Essas ações têm se desenvolvido junto aos projetos de extensão implementados por núcleos que compõem a *Rede Metuía*, na tentativa de agir de forma coletiva e articulada sobre as necessidades das comunidades em questão.

Com a pandemia, essa rede de apoio tem se mobilizado para a arrecadação de alimentos e produtos de higiene para as famílias mais vulneráveis, para o diálogo sobre ações de prevenção e sobre o acesso a renda emergencial, assim como na garantia e/ou manutenção dos direitos sociais. Por meio de encontros virtuais semanais, os núcleos conseguem apoiar as ações em andamento, dialogando com as comunidades sobre as possibilidades de articulação e os resultados que as redes podem gerar para o atual enfrentamento da pandemia. Mas também tem pautado as ações que serão necessárias para reagir aos impactos sociais trazidos pela pandemia.

Por outro caminho, temos pensado e elaborado a continuidade do trabalho com os grupos de jovens e coletivos artísticos na proposição das ações culturais através das mídias digitais, como Sarau de MC's e apresentações de *break dance* em formato de *lives* nas plataformas digitais, tais como *YouTube*, *Facebook* e *Instagram*, divulgando e atraindo a atenção do público local. Além disso, debates e diálogos entre representantes da comunidade, jovens e artistas locais demonstram que as *redes primárias e sociocomunitárias* tornam-se facilitadores no desenvolvimento de ações.

Associado ao fortalecimento das comunidades e de suas redes sociais de apoio, o incentivo à participação comunitária frente às demandas coletivas impostas pela pandemia tem colocado em debate essa realidade junto ao poder público, por meio da criação de estratégias de trabalho baseadas no reconhecimento e legitimação do exercício efetivo da cidadania. A aproximação da comunidade com a esfera governamental tem revelado po-

tências da ação técnica do terapeuta ocupacional na esfera da articulação política de diferentes setores da sociedade.

No âmbito governamental, ou das *redes setoriais públicas*, núcleos da *Rede Metuia* tem atuado em articulação com instâncias da esfera legislativa, auxiliando na formulação de projetos de lei que assegurem e possam suplementar direitos sociais, como programas de transferência de renda destinados a diferentes populações em vulnerabilidade social e políticas específicas de enfrentamento da pandemia para a população em situação de rua.

Compreendemos que o fortalecimento das diversas redes contribui para a descentralização e a democratização política, visto que pode incentivar e garantir a participação da sociedade civil nos processos decisórios, de modo a produzir relações mais horizontais. Contudo, a negligência do Estado e, conseqüentemente, o desrespeito aos direitos sociais, pode impor aos sujeitos a responsabilização pela criação de soluções, aumentando as ações de caráter filantrópico e caritativo, o que pode produzir, a médio prazo, grandes fraturas na luta pela universalização dos direitos.

3 Reverberações: o pós-pandemia e a Terapia Ocupacional Social

A tessitura deste texto a muitas mãos reflete uma aposta e uma proposta de trabalho da *Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social*: o reconhecimento da importância e da necessidade das redes colaborativas, sejam estas formatadas no/pelo trabalho (na proposição de ações de ensino, pesquisa e extensão) ou, ainda, provocadas a partir dele. Destacamos a articulação entre os núcleos em torno dos mesmos pressupostos teórico-metodológicos como possibilidade de trocas e construções conjuntas e coesas diante de uma temática complexa e urgente como tem se apresentado a pandemia.

Frente a tantos problemas que se tornaram visíveis e/ou intensificados com a pandemia, temos operado com iniciativas emergenciais. Embora ainda estejamos na vigência da inventividade e da criação de novas ações, é possível indicar que, ao lado de estratégias consolidadas que permanecem e se fortalecem neste momento - como aquelas que envolvem a luta pela garantia do acesso aos direitos e proteção social - algumas ações despontadas poderão se somar ao conjunto das práticas.

O momento atual tem nos incitado a refletir sobre o fortalecimento das redes primárias e sociocomunitárias. Era conhecido, nos períodos anteriores à pandemia, o impacto da lógica capitalista e neoliberal na vida cotidiana, como o incentivo às relações cada vez mais individualistas e competitivas e a diminuição de redes de apoio mútuo, muito presentes nas comunidades em outros tempos¹⁴. A crise socio sanitária promovida pela pandemia da CoVid-19, no entanto, tem demonstrado um revés desse cenário, com a reinvenção de laços sociais e o entendimento da crise como possibilidade de promoção e fortalecimento da solidariedade em defesa dos interesses comuns.

Além da perspectiva da sociabilidade, como tem sido nosso investimento há anos – e sobretudo neste momento de convivência diminuída pelas orientações de distanciamento social – encaramos a situação da pandemia como a possibilidade de discutir a ação técnica da terapia ocupacional social a partir de um lugar de fomento à solidariedade. Como nos aponta Paulo Freire em seu diálogo com Walter Oliveira¹⁴, solidariedade é a antítese do individualismo; é uma necessária força de coesão que facilita o funcionamento comunitário e a vida social. Nesse sentido, podemos compreendê-la como uma dimensão horizontal e orgânica das relações comunitárias, mas também como um elemento técnico-operativo a ser buscado e fortalecido pelo terapeuta ocupacional em sua ação profissional, principalmente em contextos nos quais os vetores perversos da lógica capitalista se fazem mais presentes¹⁵.

Além disso, há também que se considerar como pauta da *Rede Metuia*, a reivindicação e a luta pela efetivação de políticas públicas que viabilizem o acesso público e irrestrito à internet. O uso de dispositivos e a necessidade de acesso às tecnologias digitais ganharam evidência no momento atual, assim como o uso da internet como recurso de aproximação e manutenção dos acompanhamentos e articulação das redes tem se mostrado como uma estratégia potente. No entanto, é necessário ressaltar que esse recurso não é extensivo a todos os grupos populacionais.

É interessante notar como aquilo que já foi visto como promotor de perdas de habilidades sociais¹⁶ pode, agora, ser lido como recurso imprescindível à sociabilidade e à expressão, a depender do contexto e a realidade de onde partimos. A iniquidade de acesso e a impossibilidade de aquisição desses dispositivos acabam por gerar uma nova modalidade de exclusão social: a desconexão, agudizando ainda mais as dimensões da exclusão socioeconômica (Ferigato et al)¹⁴.

Nesse sentido, ainda que as estratégias apontadas ao longo desse texto se mostrem potentes e favoráveis à experimentação de novos contornos de trocas e sociabilidade, limitam-se aos grupos populacionais específicos com os quais temos trabalhado. Destacamos a possibilidade de deslocamento dessas reflexões e iniciativas junto a outros segmentos que, embora aqui não retratados, apresentam-se igualmente importantes e nos colocam outras dificuldades como, por exemplo, a atuação junto a crianças e idosos que não tenham incorporado em seu cotidiano as mídias digitais, um dos meios mais utilizados para aproximação em tempos de isolamento social.

Resta claro que a estratégia de construir nossa intervenção partindo, rigorosamente, do diálogo com as pessoas ou grupos acompanhados – por meio do qual se pode explicitar suas condições, necessidades e projetos – continua central no trabalho da terapia ocupacional social, ainda que existam espaços para a inventividade técnica em resposta à necessidade de flexibilização das ações, visto que jamais existirão protocolos capazes de contemplar a complexidade e as nuances de cotidianos tecidos em situações de total incerteza frente à situação socioeconômica e ao acesso a direitos elementares. Importa

também reforçar que, tendo em vista que nenhum serviço ou setor pode atender, isoladamente, às necessidades decorrentes da pandemia, são tornara-se ainda mais necessárias as ações que favorecem a reinvenção da cooperação no âmbito das gestões das políticas públicas¹⁶.

Concluindo, o período atual tem evidenciado o valor das práticas comunitárias e indicado a necessidade de que reflexões e análises que envolvem a complexidade das necessidades, recursos e dinâmicas de poder presentes nos espaços que contornam os serviços orientem as ações profissionais. Afinal, os equipamentos assistenciais, seja pelo viés da solidariedade ou da luta popular pelo acesso e ampliação das políticas públicas universais, podem incrementar o apoio às comunidades e aos seus processos de auto-organização durante e após a pandemia. Isso requer, evidentemente, intervenções que dêem lugar à tomada de consciência da essência perversa da ordem socioeconômica contemporânea e suas dinâmicas excludentes, bem como da força das ações coletivas. Pois como afirma Santos², a ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos vai caindo por terra.

Referências

1. Cardoso AJC et al. Observatório da Epidemia do Novo Coronavírus no Sul da Bahia – Boletim 2. Universidade Federal do Sul da Bahia; 2020.
2. Santos BS. A Cruel Pedagogia do Vírus. 1ª ed. Coimbra: Edições Almedina, S.A.; 2020.
3. Lichotti C. Em 37 dias, vírus mata mais que bala e trânsito em um ano. Revista Piauí [online], 2020.
4. Viana D. Saúde para além dos remédios. Revista Pesquisa FAPESP [Internet]. 2020. [acesso em 30 de abril de 2020]. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2020/04/26/saude-para-alem-dos-remedios/>.
5. Antunes R. O vilipêndio do coronavírus e o imperativo de reinventar o mundo. In: Tostes A; Melo Filho H. Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois. 1ªed. Bauru: Canal 6, 2020. p.181-188.
6. Lopes RE. Cidadania, direitos e terapia ocupacional social. In: Lopes RE; Malfitano APS. Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e práticos. 1ªed. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p.29-48.
7. Lopes RE; Malfitano APS; Silva CR; Borba PLO. Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. Cad. Ter. Ocup. UFSCar. São Carlos. 2014; 22(3). p. 591-602.
8. Barros DD. Terapia Ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. 2004; 15(3). p.90-7.

9. Lopes RE; Borba PLO; Capellaro M. Acompanhamento individual e articulação de recursos em Terapia Ocupacional Social: compartilhando uma experiência. *O Mundo da Saúde*. São Paulo. 2011; 35(2). p. 233-238.
10. Barros DD. et al. Terapia Ocupacional nos Serviços de Proteção Social Especial do SU-AS - Média Complexidade. In: Chagas JNM et al. *Terapia Ocupacional na Assistência Social*. Rio de Janeiro: CREFITO 2, 2015. p.27 -37.
11. Lopes RE. Terapia Ocupacional Social e a infância e a juventude pobres: experiências do núcleo UFSCar do Projeto Metuia. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*. São Carlos. 2006; 14(1). p. 5-14.
12. Giddens A; Turner J. *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Editora Unesp; 1999.
13. Gonçalves AS; Guará IMFR. Redes de proteção social na comunidade. In: Guará IMFR. *Redes de proteção social*. São Paulo: Associação Fazendo História; 2010. p. 11-29.
14. Freire P; Oliveira WF. Solidariedade e esperança como sonhos políticos. In: Freire P; Freire N; Oliveira WF. *Pedagogia da Solidariedade*. São Paulo: Paz e Terra; 2014. p. 70-110.
15. Bianchi PC. *Terapia Ocupacional, Território e Comunidade: desvelando teorias e práticas a partir de um diálogo latino-americano*. [Tese]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos; 2019.
16. Sennett R. *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2012.
17. Ferigato SH; Silva CR; Lourenço GF. *Cibercultura e Terapia Ocupacional: ampliando conexões*. In: Silva CR. *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. São Carlos-São Paulo: Editora Hucitec; 2019. p. 218-234.

Contribuições das autoras: Todos os autores participaram da concepção do texto, organização de fontes, redação e revisão final.

Submetido em: 05/05/2020

Aprovado em: 06/05/2020

Publicado em: 15/05/2020